

LITERATURA E MÍDIA: UMA REFLEXÃO CRÍTICA

Maria de Lourdes Abreu de Oliveira (CES/JF)

Artigo recebido em: 11/11/2009
Aceito para publicação: 21/12/2009

RESUMO

Relações da literatura com os novos meios nascidos da civilização da máquina. Reflexão sobre o destino dos textos literários, das bibliotecas, dos livros neste momento dominado pela mídia. As atitudes de desencanto e de reação à criação artística motivadas pela visão apocalíptica da arte literária, numa civilização condicionada pela tecnologia, pela massificação e pelo consumo. Aspectos positivos e negativos no confronto entre literatura e mídia.

Palavras-chave: Literatura. Mídia. Arte e Tecnologia. Visão Apocalíptica.

ABSTRACT

Literature relations with the recent media of machine civilization reflection on the fate of literary texts, libraries and books, libraries and literary texts, in this media dominated moment. The attitudes of disappointment and of reaction against artistic creation fostered by the apocalyptic view of literary art in a civilization conditioned by technology massification and consumerism. Positive and negative aspects in the confrontation of literature and the media.

Keywords: Literature. Media. Art and Technology. Apocalyptic View.

Partindo de uma reflexão sobre a literatura e a mídia, deparamo-nos com a palavra *percurso*, na medida em que passamos a examinar a questão das relações da literatura com os novos meios, nascidos da civilização da era da máquina – sobretudo o cinema e a televisão - no seu caminhar ao longo da História. E, além disso, o termo se encontra ligado à linha de pesquisa desenvolvida no Programa de Mestrado em Letras do CES/JF (Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora) em que vimos atuando, voltada justamente para os percursos havidos na Literatura Brasileira, buscando-se confrontar as tradições com os movimentos que pretendem negá-las e verificando as transformações havidas, no oscilar que se constata.

Ao refletir sobre esse percurso ou percursos, pensamos na palavra *perverso* ou *perversos*. Buscando o termo perverter no dicionário de língua portuguesa de Houaiss, foram encontrados, entre outros, dois sentidos importantes para a nossa proposta. Primeiro: tornar perverso ou mau, depravar. Segundo: efetuar alteração em: desfigurar. De acordo com a etimologia, perverso vem do latim *perversus*, significando virado às avessas, desordenado, feito em desacordo com as regras, os costumes.

Ora, nas relações da literatura com a mídia, geradas pelas conquistas tecnológicas, tanto existe esse sentido voltado para o lado mau, depravado, quanto para um sentido de transformação, de mudanças. Se o mundo foi virado às avessas, precisamos de nos conscientizar dos meios para torná-lo manifesto dentro dos padrões vigentes. Se os meios mudaram, o discurso do homem através da literatura não morreu. Há que conviver com os veículos disponíveis. Saímos da idade das cavernas, estamos vivendo novos tempos. A mídia não pode ser ignorada.

Há pouco tempo, estivemos em um *show* em São Paulo e o nosso camarote era ao lado do de um empresário e homem de televisão bastante conhecido. Observando-o ali, tão próximo, não virtual, sentimo-nos frustrados por ver essa pessoa que conhecíamos muito bem - pois se tratava de personagem tão invasora da intimidade do telespectador – desconhecernos completamente. Foi uma sensação estranha. Ora, conhecíamos não só ele, mas a família toda, pois havíamos seguido as diatribes do sequestro da filha dele e os momentos de angústia passados por ele nas mãos do bandido que lhe invadira a casa. E ficamos ali, de um lado nós e nossa família; do outro ele, a mulher, as filhas, os namorados delas. Nem um gesto de cortesia,

nem um sorriso amistoso de ambas as partes, pois também não seríamos capazes de lhe invadir a intimidade naquele momento de lazer. Acabado o *show*, saímos, cada grupo para o seu lado, e ficamos com aquela sensação de perda, como se uma pessoa muito próxima estivesse nos negando qualquer cumprimento que merecíamos.

Esse pequeno acontecimento trouxe-nos a vivência do lado perverso da mídia: de distanciamento entre sujeito e objeto, de uma relação falsa e má que nega uma troca positiva entre as partes, que perverte o sentimento, virando o mundo às avessas, desordenando, gerando a inversão das expectativas, rompendo com as regras que devem existir quando as pessoas se conhecem e alimentam bons sentimentos entre si. E pudemos entender por que os fãs são, muitas vezes, violentos com as personagens vistas na mídia, para eles tão reais, tão próximas, tão de carne e osso. Pudemos entender por que eles cobram atenção e respeito daquelas personagens cultuadas, que, geralmente, omitem-se no cumprimento das expectativas deles. Pudemos entender a solidão dos que embarcam numa relação erótica com imagens que seduzem e mentem. Essa sensação experimentada por nós naquela noite gera um efeito perverso em muito mais alto grau em um espectador comum, não preparado para compreender as relações entre o real e o virtual.

A mídia carrega o efeito perverso de abrir caminho para a insensibilidade e a não participação humana, anestesiando o telespectador para a percepção real dos fatos apresentados. E ele vai-se tornando um especialista em enganar-se a si próprio. Recorre a mecanismos de defesa para se acomodar no seu ponto de vista. Racionaliza, tornando-se indiferente ao que acontece em torno dele. Se iraquianos estão sendo massacrados em nome de uma pseudo-reorganização do país, se existem crianças definhando em um lugar qualquer da África ou enganando a fome em um lixão de uma grande cidade latino-americana qualquer, isto não é um gesto de toda a humanidade, e, afinal de contas, além de não ter acontecido em seu jardim, essas injustiças se deram com minorias, com povos subdesenvolvidos, em circunstâncias que algum dia serão superadas. Não acontecem normalmente. A distância entre o espectador e os fatos justifica o não envolvimento. A câmara, esse olhar de longe, transforma os acontecimentos em reflexos, em imagens nebulosas. As cenas a que assistimos vindas do mundo inteiro, ora cruéis, ora alegres, passando pelo olho armado com teleobjetivas e lentes, trazem-nos sempre

uma sensação de espetáculo.

Todavia, se existe, muitas vezes, nos fatos apresentados um efeito perverso embutido, as novas conquistas tecnológicas permitem também uma aproximação positiva entre sujeito e objeto. Podemos entrar em museus e bibliotecas, pesquisar com mais eficiência arquivos culturais, levar a cultura a um círculo maior de pessoas, antes à margem dela. Se o DVD rouba a magia do cinema, se as reproduções da era da máquina jogam por terra a aura de objetos de arte, essa quebra de distanciamento facilita o acesso a bens culturais em muito maior grau.

Refletindo, pois, sobre esses percursos que podem ser cruéis, mas que podem também ser tomados no sentido de mudança positiva, pensemos sobre a questão da literatura no século XXI, confrontada com a arte cinematográfica. A imagem cinematográfica, alimentada por conquistas tecnológicas cada vez mais sofisticadas, significaria a condenação apocalíptica da literatura ou é possível um convívio positivo entre as duas artes? (OLIVEIRA, 2004, p. 12-16).

Dentre as questões que preocupam o século XXI, uma se destaca como de suma importância para os estudiosos da literatura: O que acontecerá com os textos literários, com as bibliotecas, com os livros neste momento histórico dominado pela mídia? A literatura estará condenada à morte? Será que nossos netos examinarão os livros como peças antigas de museus?

Com as conquistas tecnológicas em andamento e as que ainda estão por vir, que acontecerá com o cânone literário? Com as novelas televisivas, morreu o teatro shakespeariano? Pelo estímulo ao estudo de textos cinematográficos e televisivos, não estaria a valorização dos estudos culturais matando a literatura? Preocupar-se com as manifestações culturais populares em lugar dos clássicos não significaria golpe mortal para a literatura?

Por acusação semelhante passou a teoria ao estimular a leitura de textos filosóficos e psicanalíticos ao lado das obras literárias. Todavia, esses novos caminhos serviram para revigorar o cânone literário tradicional, ampliando a maneira de ler as “grandes obras” das diferentes literaturas. Os estudos culturais levaram a uma expansão do cânone literário. A literatura abriu-se para a inclusão de textos de diferentes minerais historicamente marginalizadas. Recorrendo aos novos meios oferecidos, debates na mídia serviram de estímulo e divulgação das novas maneiras de ler. Com isto,

os padrões literários tradicionais foram comprometidos? Pelo contrário. Os olhos foram abertos para obras antes negligenciadas por razões várias. Abertas a novas chances, foram examinadas ou por sua excelência literária ou por sua representatividade cultural. Os critérios escolhidos não seriam especificamente literários? Que critérios estariam determinando a escolha das obras a serem estudadas?

A “excelência literária” nunca determinou o que deve ser estudado. Na seleção de um determinado *corpus*, não se escolhe o que se julga serem as maiores obras da literatura mundial, mas, ao contrário, é feita uma seleção de obras representativas de algum ponto a ser focado: talvez uma forma literária ou um período da história literária. É dentro desse contexto de representar algo que as “melhores” obras são escolhidas. O que mudou é o interesse na escolha de obras que representem uma gama de experiências culturais e também uma gama de formas literárias. Há que se levar em conta também a aplicação do critério de excelência literária historicamente comprometido por critérios não-literários, tais como raça e gênero.

Constata-se que impera nos textos sobre cultura de massa uma amargura geral, como se estivéssemos vivendo o final dos tempos, olhando-se com pessimismo as possibilidades artísticas disponíveis ao homem que vive no reino da máquina e do computador. Todavia não há como fugir ao novo modelo humano, partindo-se para um saudosismo destituído de bom senso. E há que se pensar que não existe técnica inocente, como coloca Umberto Eco:

[...] toda modificação dos instrumentos culturais, na história da humanidade, se apresenta como uma profunda colocação em crise do “modelo cultural precedente”; e seu verdadeiro alcance só se manifesta se considerarmos que os novos instrumentos agirão no contexto de uma humanidade profundamente modificada, seja pelas causas que provocaram o aparecimento daqueles instrumentos, seja pelo uso desses mesmos instrumentos (ECO: 1976, p. 34).

Fazendo coro a essas palavras, Michel Butor pensa a situação sem prognósticos apocalípticos de derrocada, mas integrando-se na nova realidade:

Tudo é muito relativo. Adoro escrever a mão, em papel artesanal, ilustrado por artistas. Mas fui obrigado a me curvar primeiro à idade mecânica, comprando uma máquina de escrever, depois à eletrônica, e, finalmente, cheguei ao computador que me facilita as tarefas: tem memória, corrige, classifica, cruza informações. A tecnologia é um risco, arma na mão de criança, se não formos capazes de dominá-la. Mas também o sonho do retorno à natureza é inteiramente nostálgico. (BUTOR:1984. *Folhetim*, p.3-5).

Professor de Literatura Francesa, na Universidade de Genebra, Michel Butor foi um dos demolidores dos fundamentos do romance tradicional, criando um jeito novo de dizer o mundo. Interessado por tudo que o cerca, sabendo olhar e ver, aceitou a tecnologia, revolucionando seu método de escrever, prognosticando a condenação da maioria dos livros, “cegos de ilustrações” tradicionais e o império de um vídeo-texto no século XXI.

A visão apocalíptica da arte, numa civilização condicionada pela tecnologia, pela massificação e pelo consumo, leva a uma atitude de desencanto, de reação à criação artística. Fugindo das imagens tecnificadas da era da máquina, usadas para comunicar os valores menores da civilização de consumo, o criador refugia-se na sua “torre”, preocupado em não degradar o seu fazer. E manifesta o mundo através da abstração, da distorção, da fragmentação, reflexos da desumanização vigente. Todavia, renunciar à comunicabilidade, restringindo-se a alguns poucos escolhidos, não seria, em nossa realidade latino-americana marcada pelo subdesenvolvimento, abdicar de responsabilidades?

O Poeta é responsável pelo tempo em que vive. Cabe a ele arrancar do esquecimento injustiças presenciadas, reagir aos impulsos no sentido da mais-repressão, através da palavra/ imagem, como testemunha do visto, para que a verdade não se deteriore, não se falsifique, adulterada pela máscara das aparências. Se não fosse o Poeta, haveria espaço no mundo apenas para os campeões, para os vencedores. E quem seria a voz dos humilhados e ofendidos, dos oprimidos, daqueles que não sabem acordar palavras nem convocar imagens que evidenciem os empenhos de Tanatos, para calar os esforços de Eros no rumo da liberdade e da vontade de viver?

Esquecer os sofrimentos causados pelo domínio do mais forte, explorando as tibiezas do fraco, é uma forma de deixar campo livre ao princípio de realidade. Por conseguinte, o artista, perpetuando o passado,

através da imagem ou da palavra, arrancada à sua petrificação, é um baluarte de renovação do mundo, lutando pelo império do princípio de prazer, espaço utópico, impossível de ser inteiramente dominado. Entretanto, na medida em que se torna presente, evidenciado no confronto entre apelos de vida e apelos de morte, há um caminhar deliberado para o seu horizonte, em detrimento da força de Eros.

Nesse quadro, que papel cabe ao criador? Supomos que o de protesto, mostrando a realidade que não pode ser silenciada, abrindo perspectivas de esperança no potencial de felicidade humana, propondo imagens de libertação, arrancando o homem da passividade e do conformismo, convocando-o a abrir os olhos e ver. E, nesse contexto, o cinema trouxe alguma contribuição para a arte? Enriqueceu ou empobreceu o universo literário?

Considere-se, por exemplo, a questão do homem diante do tempo, no que se refere à sua imagem. Que papel cabe à literatura? Que papel cabe aos veículos disponíveis no século XXI para tornar manifesto o convívio entre as gerações e as alternativas para uma sociedade que envelhece? Que a cultura oferece para mostrar a questão do homem diante do tempo?

Acomodada no próprio equilíbrio, a sociedade fecha os olhos para tudo que está às margens e que não vem a lhe interferir profundamente na rotina. Na maioria das vezes, finge não perceber as tragédias do dia a dia, vividas pelas minorias que se acotovelam nas ruas das grandes cidades. Veste-se com uma capa de indiferença que a defende de envolver-se com a sorte das crianças de rua, dos jovens delinquentes, dos deficientes, mas essa frieza chega ao paroxismo no que concerne à sua insensibilidade com relação aos idosos.

Nesse último caso, entretanto, sua indiferença parece, *a priori*, mais surpreendente; cada membro da coletividade deveria saber que seu futuro está em questão; e quase todos têm relações individuais e estreitas com certos velhos. Como explicar sua atitude? É a classe dominante que impõe às pessoas idosas seu estatuto; mas o conjunto da população ativa se faz cúmplice dela. Na vida privada, filhos e netos não se esforçam para abrandar o destino de seus ascendentes (BEAUVOIR: 1990, p. 265).

Sem a menor dúvida, a literatura serve de ponto de partida para as mais incríveis criações, pois ela é, acima de tudo, o discurso do Homem na dimensão da História. Tudo começou com a tradição oral. As pedras, o papiro, a imprensa, o cinema, a televisão, o computador, a mídia em geral são, como indica o próprio nome desta última, meios para tornar manifesta a voz dos Poetas. Os livros como os conhecemos agora podem até estar, futuramente, nos museus, como estão os papiros egípcios, os manuscritos da Idade Média, a pedra da roseta, mas a literatura estará sempre viva, enquanto o homem for capaz de expressar a sua relação com o mundo.

Esperamos que essas colocações ajudem a percorrer com mais clareza os caminhos da literatura em sua relação com as conquistas da era da máquina. Esperamos que esses *percurso perversos*, nascidos da convivência da literatura com a mídia, signifiquem um avanço na difícil e intrincada maneira de compreender as adaptações que o Poeta tem que enfrentar, para tornar manifesta a sua voz através de novos veículos, postos à disposição do Homem, na caminhada pela História, para que seja ouvido o grito das relações entre ele e o mundo.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Trad. Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BUTOR, Michel. **Delírio literário**. (Entrevista a COURI, Norma) Folha de São Paulo, São Paulo, 23 set. 1984. Folhetim, p. 3-5.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. Trad. Pérola de Carvalho. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. **Literatura & mídia: percursos perversos**. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2004.

